

SISTEMA DE ATENDIMENTO VOCACIONAL AO ESTUDANTE – SAVE

Juvenal Antônio Cordeiro Filho

Giselle Tomazela Bueno

Luciana Santos

Modalidade: RELATO DE EXPERIÊNCIA



RESUMO

Nos limites de um mundo em transformações cada vez mais agudas, o compromisso com a formação educacional dos indivíduos e sua relação com a construção de uma sociedade mais justa, igualitária, em que haja espaço para o desabrochar de talentos, de um lado, e para a preservação da dignidade profissional e humana, de outro, se torna um desafio que ultrapassa os limites do currículo e obriga escola e professores a repensarem sua atuação e a repensarem formas de construir condições para o amadurecimento, capacitação e realização dos estudantes. É nesse bojo que o projeto ora apresentado se desenvolve, na busca pelo reencontro da humanidade de alunos e alunas, de suas angústias e medos, do seu desejo de se inserirem na sociedade e construir suas próprias vidas.

Palavras-chave: educação; vocação; atendimento vocacional; escola.

1. Problema de pesquisa, justificativa e contextualização

Vocação – do latim *vocarium*, chamamento

Na interessante obra “Educação em tempos de incertezas” (Autêntica, 2003), os diversos autores refletem sobre um ponto comum na nossa atualidade, dado, o fato de que estamos em tempos incertos, marcados por mudanças sociais, políticas, tecnológicas, enfim.

Em meio a transformações tão agudas, aparecem e desaparecem, no mercado de trabalho, um sem fim de ocupações em um período relativamente curto de tempo, o que torna a escolha profissional algo particularmente difícil.

De outro lado, no âmbito da organização escolar, a questão vocacional não tem espaço claro nos currículos (em sentido lato), de modo que o acompanhamento dos estudantes, quando feito, aparece de maneira tímida, em feiras de profissões ou, na melhor das hipóteses, em um acompanhamento pré-universitário, preso ao círculo profissional ditado por cursos e rankings de faculdades.

Ainda, em acréscimo, os círculos familiares, também em transformação, demandam cada vez mais da escola a realização do acompanhamento vocacional quando não apontam caminhos determinísticos em contraste à personalidade e habilidades dos jovens.

Nesse sentido, a falta de acompanhamento adequado produz perspectivas profissionais limitadas com grau alto de frustração, sendo subtraída, muitas vezes, a segurança ou mesmo a própria escolha profissional das mãos do estudante.

É essa a motivação para o trabalho ora apresentado, fruto de um acompanhamento individualizado durante dezoito meses com alunos oriundos turmas de 2^{as} e 3^{as} séries do Ensino Médio no Colégio Passionista São Paulo da Cruz, tradicional centro de educação na região do Tucuruvi, em São Paulo.

Partindo dessas dificuldades, procuramos esmiuçar a possibilidade de um modelo de atendimento cuja orientação estivesse voltada inteiramente para as questões acima levantadas. Sua problematização tornou-se o mote teórico principal durante o desenvolvimento do trabalho e, de algum modo, é aqui apresentada.

2. Objetivos

Durante o trabalho de pesquisa, acima relatado, e na sua descrição, abaixo exposta, buscamos, em primeiro lugar, dar respostas cabíveis às questões vocacionais dos alunos atendidos. Além disso, procuramos encontrar respostas para a nossa própria atuação dentro e fora de sala, no que diz respeito a nossa responsabilidade com o encaminhamento dos alunos para a sua vida profissional de maneira mais segura. Ainda, nos lançamos no desafio de

encontrar um projeto aplicável em escolas públicas e privadas, e que pudesse ser economicamente viável e pedagogicamente eficiente. No tocante a este trabalho, por seu turno, procuramos expor e divulgar essas informações, com vistas a divulgar seus resultados prévios a colegas e demais interessados, buscando, assim, contribuir para o debate a respeito do tema.

3. Metodologia

Para nos guiar na busca desses objetivos nos propusemos a realizar dois trabalhos concomitantes: de um lado, uma pesquisa de campo, com a coleta de dados quantitativos (tabelas de números de atendimentos, perfis de estudantes, cursos de interesses, problemas relatados) e qualitativos (relatos de experiências, expressões de dúvidas, dificuldades e progressos); de outro, uma revisão de literatura sobre temas pertinentes aos próprios atendimentos.

O modelo de atendimento, pensado e repensado durante os atendimentos a alunos, batizado pela sigla SAVE – Sistema de Atendimento Vocacional ao Educando – mostra, doravante, alguns resultados bastante interessantes do ponto de vista acadêmico, de um lado; e bastante animadores, do ponto de vista da prática educacional, de outro.

São esses resultados, bem como alguns aspectos do trabalho prático, que apresentaremos nas páginas seguintes.

É mister dizer, contudo, que os elementos abaixo descritos constituem voos teóricos de aproximação, tomando uma amostra consideravelmente pequena de estudantes. Seus resultados, embora animadores, carecem, ainda, de grupos maiores – em quantidade de indivíduos e em diversidade socioeconômica e cultural – para resultados que possam ser melhor medidos quantitativamente a partir da qualidade dos grupos amostrados.

4. Esboço de fundamentação teórica

4.1– Sistema de Atendimento Vocacional ao Estudante – SAVE: do compromisso com a formação à proposta de solução inovadora

Antes de tratar mais detidamente do funcionamento dos encontros vocacionais a que chamamos SAVE, é preciso compreender seus processos e sua estrutura, a partir dos seus fundamentos. Nesse sentido, é importante dizer que SAVE se define como “Sistema de trabalho **pedagógico** integrado (porque congrega áreas distintas do conhecimento), individualizado ou em grupos afins (por interesses de área ou confiança), voltado ao auxílio na escolha profissional e descoberta vocacional de cada indivíduo, levando em conta suas habilidades e competências, seus traços caractereológicos, seus desejos e anseios e suas circunstâncias de vida” (definição nossa). Esse trabalho é realizado em

encontros quinzenais ou mensais com um educador participante, em horário distinto do horário de aula, mediante agendamento prévio.

Essa primeira constatação inicialmente aponta, de um lado, para as habilidades e competências parametrizadas pelo Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM, pelos pressupostos psicológicos que adotamos, de outro, e, ainda, de conhecimentos sobre o funcionamento das instituições e cursos de ensino superior, em território nacional e em outros países de interesse dos alunos participantes, ainda.

Dos fundamentos psicológicos os quais sustentam o trabalho, aparecerão, em destaque, algumas obras e tendências voltadas, principalmente, à abordagem psicanalítica, de um lado, e ao escopo filosófico, no que tange à caracterização (desenvolvimento do caráter), nominada na tradição filosófica pelo termo “razão”, e aqui dividida em “personalidade” e “caráter”.

De modo breve, podemos apresentar esses fundamentos a partir de algumas obras utilizadas nos encontros e nas comunicações escritas a respeito dos mesmos. O trabalho de esmiuçar mais detidamente essas obras e delas depurar os elementos que aqui nos interessa fogem aos limites e brevidade deste trabalho.

Faremos, contudo, um breve exposto de suas escolhas, isto é, as razões pelas quais tais obras vieram a constituir parte do núcleo teórico que sustenta os atendimentos vocacionais.

No que diz respeito a isso, da tradição psicanalítica, de um lado, nos chamam a atenção quatro importantes textos: “O mal estar na civilização”, de Freud; “O Homem a procura de si mesmo”, de Rollo May¹; “Diagnóstico de nossos tempos”, de Karl Manheim²; “Freud” e a educação: o mestre do impossível”, de Maria Cristina Kupfer.

Nesses textos, de várias maneiras diferentes, são sensíveis alguns elementos importantes que vêm ao encontro de nossa questão problema: em primeiro lugar, a constatação de que vivemos em tempos complexos e confusos, embora o grande progresso material. Esse elemento é tratado por Manheim na introdução e no primeiro capítulo do livro supracitado; por May, que dedica um primeiro capítulo inteiro à questão; e, anteriormente, pelo próprio Freud, através da metáfora do “cobertor curto”, em obra também supracitada e da constatação do que ele veio a chamar de “terceira ferida narcísica”, termo de que ele tratará nas “Conferências introdutórias sobre psicanálise”.

¹ Embora haja muitas referências ao pensamento de Rollo May como mais afeito à fenomenologia do que à Psicanálise ela mesma, preferimos aqui relacioná-lo à psicanálise levando em conta o conteúdo de algumas de suas obras. Além de “O Homem a procura de si mesmo”, May também fará referências bem claras a Freud em outros textos como, por exemplo, “A procura do Mito”

² Manheim, embora sociólogo, teve considerável influência entre os psicanalistas norte-americanos (ou emigrados), como é o caso de Erich Fromm e Karen Horney.

Essas percepções todas nos permitiram, no trabalho SAVE, procurar uma leitura compreensiva dos alunos e alunas atendidos, a partir de um olhar que fosse, de um lado pedagógico e, de outro, humano – nesse sentido técnico expresso pelos autores. Em outros termos, ao passo que procuramos encontrar habilidades e competências, de um lado, a partir da análise dos boletins escolares, do diálogo sobre preferências, facilidades e dificuldades; lançamos-nos num esforço de investigação das circunstâncias sob as quais se expressa nossa sociedade atual, a partir de suas similitudes com aquilo que apontam e refletem em literatura os autores acima mencionados, buscando, a partir disso, compreender as maneiras pelas quais essas mesmas circunstâncias dialogam e influenciam os indivíduos quando a eles é imputada a obrigação de escolherem seu futuro profissional e social.

Seguindo a trilha da tradição psicanalítica e lendo Freud, Maria Cristina Kupfer (1989), trará uma percepção que aqui nos é muito cara, qual seja, o trabalho educacional, isto é, o ensino e a aprendizagem, são possíveis somente a partir da mediação necessária dos afetos. Em outros termos, só há aprendizado se há desejo (termo aqui tomado em sentido psicanalítico). Segundo palavras da própria autora:

Freud nos mostra que um professor pode ser ouvido quando está revestido por seu aluno de uma importância especial. Graças a essa importância, o mestre passa a ter em mãos um poder de influência sobre o aluno. Essa é, naturalmente, uma idéia bastante conhecida, assim como também é conhecida a fonte atribuída por Freud a esse poder de influência (p. 85)

Essa constatação, claro, não é nova. Alícia Fernandez e seus herdeiros e herdeiras na psicopedagogia vêm insistindo nesse ponto há décadas (SANTOS, 2009, pp. 9ss, *online*) e seus resultados, embora ultrapassem, também, os limites desse trabalho, falam por si.

Nosso interesse, contudo, diferentemente da proposta de sala de aula e da clínica, como propõe a psicopedagogia, se fundamenta nos pressupostos acima buscando, através deles fomentar nos alunos a busca sentido para o estudo em sala de aula e em casa a partir de uma reflexão fora da própria sala, em ambiente neutro no qual aluno e professor possam conversar reservadamente e transpor os limites do currículo. Essa proposição traduz uma inquietação já expressa por Filho (2015, p. 11) a respeito dos problemas observados no Ensino Médio:

Ao que os dados indicam, o ensino médio vem aparecendo como uma espécie de *fogo fatum*, variando entre o tecnicismo e a preparação para o vestibular. A formação cidadã, a preparação para o mercado de trabalho e para a universidade, como os dados apontam, não são tratados como unidade, o que se agrava com reformulações de momento e a falta de sentido para a forma como o ensino médio é conduzido

Do lado filosófico, procuramos mergulhar na tradição deste saber através da obra “A coragem de ser”, de Paul Tillich. Esse texto, a partir da análise histórica, de um lado, na apresentação de expressões singulares da tradição filosófica, como o pensamento estóico, espinosano e nietzschiano; e, de outro, a partir da análise ética e ontológica, nos trouxe contribuições bastante singulares em relação aos processos existenciais e sua relação com a tomada de decisões na vida. Infelizmente, o aprofundamento dessas questões também ultrapassa esse artigo, embora seus achados aqui estejam pressupostos.

O terceiro ponto vem de pesquisa por nós realizada nas matrizes curriculares e informações de 46 faculdades e universidades, entre públicas e privadas em território nacional. Nos sites das instituições, foram recolhidas e tabuladas informações de 122 cursos e variações de cursos³. Isso nos permitiu ampliar nossos próprios horizontes sobre a vida universitária, nos munindo de informações muito mais completas sobre o tema e permitindo encontrar muito mais possibilidades de diálogo com os alunos. A exploração mais detida desse tema, embora ultrapasse os limites deste trabalho, nos ajuda a compreender o quão parcas são as informações que chegam ao Ensino Médio sobre tal tema.

Importam, ainda, dois adendos a serem considerados nesse bojo, os quais refletem inquietações a que nos dirigimos e que nos movem, também, motivando o trabalho vocacional.

O primeiro se refere aos dados do Censo da Educação Superior divulgados pelo INEP – Instituto de Pesquisas Educaionais Anísio Teixeira – no ano de 2016. Segundo o exposto, cerca de 49% dos ingressos em Instituições de Ensino Superior – IESs – no país em 2010 haviam, até 2015, deixado os cursos sem se formarem (AQUINO, 2016, *online*).

O segundo parte de pesquisa de amostra feita com alunos participantes ou não do SAVE, no Colégio Passionista São Paulo da Cruz em 2017 (Anexo I). Para a pesquisa foram escolhidas nove profissões não necessariamente universitárias sobre as quais os alunos deveriam responder a questões abertas e fechadas. As questões abertas apresentavam os mesmos pontos das questões fechadas sendo alterado apenas o estilo de pergunta. Assim, as perguntas 01 e 02 respectivamente interrogavam objetivamente o participante se ele sabia o que se fazia em cada profissão e o que era necessário para se tornar um profissional naquela área, enquanto as perguntas 03 e 04 pediam respectivamente para que o participante descrevesse o trabalho de cada profissional e o que era preciso para se tornar um profissional na área em questão.

Para análise do questionário, foi tomado como padrão um cruzamento entre questões abertas e fechadas, sendo as questões abertas parâmetro para

³ Pelo termo “variação” procuramos expressar a ideia de “ênfase”. Na Universidade de São Paulo, por exemplo, há três possibilidades de matrizes curriculares para o curso de Biomedicina, a depender do campus. Uma enfatiza o trabalho de laboratório, outra, questões de saúde pública e assim por diante.

verificação da resposta das questões fechadas. Os dados padrão sobre cada profissão foram recolhidos nos websites do Sebrae Nacional, da Associação Brasileira de Indústria de Café (ABIC) e revista cafeicultura, de alguns departamentos públicos em que há funções que não exijam ensino superior (Tribunal Regional Eleitoral de São Paulo – TSE; Polícia Militar de São Paulo – PM; Porto de Santos)

Abaixo, quadro-resumo das respostas apresentadas pelos participantes. As questões 01 e 02 apresentam as respostas objetivas “sim” e “não”, as questões 03 e 04 apresentam uma indicação de “consistente” (“con.”) e “inconsistente” (“incon.”), de acordo com os critérios adotados e acima explicitados.

RESUMO DE RESPOSTAS - QUESTIONÁRIO 01 – PROFISSÕES NÃO UNIVERSITÁRIAS								
TOTAL: 30 PARTICIPANTES								
Profissão	Questão 01		Questão 02		Questão 03		Questão 04	
	Sim	Não	Sim	Não	Con.	Incon.	Con.	Incon.
Marceneiro	30	0	2	28	2	28	0	30
Confeiteiro	28	2	5	23	3	27	4	26
Carpinteiro	30	0	4	26	2	28	0	30
Relojoeiro	30	0	12	18	25	5	0	30
Produtor de objetos	4	26	0	30	0	30	0	30
Alfaiate	22	8	26	4	14	16	0	30
Youtuber	30	0	30	0	28	2	28	2
Degustador de café	30	0	3	27	24	6	0	30
Agente de administração pública	30	0	5	25	12	18	0	30

Quadro 01: Apresentação de resultados de pesquisa

Fonte: Os autores

Os dados de pesquisa mostraram que os alunos participantes têm conhecimentos muito tímidos a respeito da maioria dessas profissões, sendo

que os participantes apresentaram, durante feedback, grande surpresa, inclusive sobre sua existência. Essa referência inicial nos possibilitou questionar o modelo de formação no Ensino Médio a partir de um perfil exclusivamente preparatório, com vistas aos vestibulares e ao ENEM.

Aparentemente, essa constatação contrasta com o exposto anteriormente, de que o SAVE se baseia, também, nas competências e habilidades do ENEM. Ocorre que, se bem interpretada, a questão nos revela que o contraste não é a expressão de uma contradição. Mais do que isso, revela complementariedade. Ou seja, a preparação para a vida universitária e para o ENEM é importante durante o Ensino Médio, porém, ela está longe de ser a única função desse ciclo de ensino.

Por esta razão, foram incorporadas nos atendimentos outras possibilidades de escolhas para além da vida universitária, incluindo cursos técnicos e livres, modalidades de intercâmbio com trabalho (voluntário ou remunerado), profissões da administração pública (com enfoque vocacional e não somente econômico)

4.2– O modelo de organização dos encontros

Sob todas as constatações acima postas, procuramos iniciar os atendimentos com os alunos, tentando descobrir suas principais inquietações e dúvidas em relação ao seu destino profissional.

Como primeiro cuidado, entendemos que deveríamos enfatizar repetidamente o aspecto *pedagógico* no processo, ainda que nossa percepção fosse perpassada por uma protuberante compreensão psicológica.

Para tanto, fizemos uma triagem inicial, realizada sempre nos primeiros encontros, de modo a encontrar, caso a caso, quais os alunos deveríamos recomendar para atendimento psicoterápico ou para atendimento de performance (coaching), de acordo com critérios fornecidos a nós pelo orientador educacional do próprio colégio (um psicólogo) e com uma colega nossa no ensino médio que, além da licenciatura, é formada e exerce a profissão de coaching.

Feito isso, começamos a desenhar, sob a luz das balizas teóricas, como já exposto, e através dos próprios atendimentos, um modelo de condução das sessões, além de parâmetros para seu desenvolvimento e finalidade.

Durante o percurso de 2017, tivemos um total de 341 atendimentos, com um total de 73 alunos participantes – entre frequentes e esporádicos (Anexo II). Desses elementos, conseguimos sintetizar os traços abaixo expostos.

4.2.1 – O atendimento SAVE se sustenta sobre três pilares fundamentais:

- a) Escuta – escutar não é apenas “ouvir o que a outra pessoa está dizendo” para logo depois se esquecer; escutar não é, tampouco, “ouvir já sabendo o que responder”. A escuta envolve um esvaziamento das pretensões (pré-intenções) da parte de quem ouve, a fim de desenvolver uma atenção verdadeira ao que é dito e a quem diz.
- b) Empatia/humanidade: a empatia é um conceito ligado especialmente ao reconhecimento do outro como pessoa, ao respeito por sua individualidade e por suas questões de vida. Atendimento humanizado é, ainda, fundamental para o sucesso do SAVE.
- c) Conhecimento técnico: o trabalho SAVE envolve, acima de tudo, conhecimentos relativos ao funcionamento das IESs (Instituições de Ensino Superior) – estatais e privadas – à estrutura e funcionamento dos principais vestibulares e do ENEM, às diferentes grades e estruturas curriculares das mesmas IESs, aos diferentes métodos e metodologias de aprendizagem e organização de estudos. Envolve, ainda, leitura obrigatória, por parte dos professores condutores, da bibliografia fundamental em psicologia e humanidades (exposta acima e nas referências bibliográficas abaixo) e conhecimentos sobre profissões e carreiras não universitárias, além de empreendedorismo e mercado de trabalho.

4.2.2 – Organização e funcionamento dos encontros SAVE

4.2.2.1 - Preparação

- a) Preparação do encontro: a preparação do encontro envolve o levantamento das tarefas deixadas para cada estudante e a revisão das anotações do(s) encontro(s) anterior(es) – para o caso de estudantes que já estejam em acompanhamento; a comunicação da necessidade de materiais básicos para encontro (caderno para anotações, lápis, borracha e caneta) – para o caso de alunos novos; a preparação de materiais e informações prometidas ao estudante.
- b) Preparação do ambiente: a preparação do ambiente para atendimento SAVE deve ser cuidadosa. Os encontros devem acontecer, preferencialmente, em uma sala de aula que esteja desocupada ou uma sala em modelo escritório com, no mínimo, duas cadeiras e uma mesa. O ambiente deve ser austero, arejado, bem limpo e, preferencialmente, silencioso. Devem ser verificados, também, antecipadamente, o funcionamento dos sistemas de iluminação, de energia, de internet e outros.
- c) Preparação pessoal: no mínimo quinze minutos antes de cada encontro, o professor atendente deve dedicar-se a sua própria

preparação, revisitando os materiais de encontros anteriores, imergindo na proposta de atendimento e se desvinculando de elementos externos.

4.2.2.2 – O desenvolvimento dos encontros

Cada encontro SAVE deve estar ancorado em três momentos distintos:

- a) Ambientação: nesse primeiro momento, é importante trazer o aluno para o encontro, tratar, com ele, de elementos que remetam a sua pessoa, a seu momento escolar, os elementos sobre profissões e carreiras com que teve contato durante a semana (ou mais dias, caso o atendimento tenha maior período)... O mais importante na ambientação é “quebrar o gelo”, permitir que o aluno possa se engajar no encontro, se motivar, participar ativamente do processo e estar inteiro, focado, nele. Algumas técnicas de ambientação e “quebra gelo” nas obras ao final desse material. Sobre foco, utilizamos os achados de Daniel Goleman expressos em outra obra de referência com esse nome ao final do material.
- b) Pauta do dia: com o trabalho de ambientação feito, será tratada a pauta de assuntos de cada estudante, como o comparativo das diferentes grades curriculares dos diversos cursos universitários ou não universitários; as possibilidades de carreira e estratégias de alcance de objetivos, as inquietações sobre cursos, mudanças de rotina, de cidades, análise de boletim escolar e informações sobre inclinações intelectuais (dados fornecidos pelo próprio aluno), etc. Após bate-papo e, tendo claras as informações, será passada tarefa, a qual poderá ser montar uma grade de horários para organizar estudos, assistir vídeos e ler sobre a(s) profissão(ões) de interesse, etc.
- c) Fechamento: no fechamento o professor procura enfatizar os aspectos que precisam de maior atenção (decisão; busca de informações; organização; disciplina; método...)

OBS. Todos os encontros têm uma tarefa de casa a ser realizada (para o professor e para o aluno)

4.3– Algumas técnicas e ações nascidos(as) e/ou testadas durante os encontros

A partir dos encontros, pudemos encontrar elementos sobre os quais se assentavam as principais dúvidas e angústias dos alunos. A partir da sua leitura, nos colocamos a desenvolver ou explorar, junto com eles, técnicas e ações que pudessem ir de encontro a essas questões e dar-lhes cabo.

4.3.1 – brainstorm: estimulação pela escrita livre de palavras e associação de ideias significativas para a vida e a personalidade do estudante; inserção de palavras-chave para estimulação mnêmica. O trabalho é feito individualmente com a escrita de elementos em sequencia livre em folha de papel. A partir disso, as palavras são categorizadas por afinidade semântica e relacionadas com possibilidades profissionais

4.3.2 – horário de estudos: montagem de horário e organização de rotina a partir do cotidiano de cada aluno. Busca de organização da vida dentro e fora da escola

4.3.3 – orientação de carreira: mais do que o currículo, exploração de vídeos e textos sobre as carreiras em que o estudante tem dúvidas, a fim de possibilitar-lhe escolha qualitativa. Exploração de lições de casa – formação de opiniões mais sólidas a respeito de prós e contras em cada carreira.

4.3.4 – apuração de cursos e faculdades: dedicado aos alunos que já têm clareza na escolha profissional; comparativo de currículos e estruturas das faculdades.

4.3.5 – vestibulares: para os alunos que escolhem profissões a partir de cursos universitários – calendário; leituras; cronogramas; editais...

4.3.6 – perspectivas: para os alunos que escolhem profissões fora do circuito universitário – cursos técnicos; cursos de capacitação; empreendedorismo, visitas a empresas e a sedes do Sebrae.

4.3.7 – redes de contato: profissionais das diversas formações, preferencialmente ex-alunos do colégio, para falarem (individualmente ou em grupo) com os alunos sobre as suas carreiras, sua realidade profissional...

4.3.8 – Palestras: escolha profissional; aptidões; medos e tabus em relação às diversas profissões (ciclo em horários separados dos encontros).

4.3– Outras necessidades

A constituição dos encontros e suas diversas técnicas nos levaram a outros dois pontos aos quais precisamos dar respostas.

O primeiro se relaciona à relação entre alunos e famílias. De modo geral, observamos grande dificuldade por parte de pais e/ou responsáveis em aceitarem as decisões profissionais de seus filhos e/ou tutelados. Nesse ponto, acabamos por observar, também, que esses mesmos pais e/ou responsáveis, quando atendidos por nós, revelavam grande defasagem de informações sobre o universo profissional atual e sobre possibilidades de carreiras. De maneira geral, seus conhecimentos se restringiam, na maioria, a carreiras universitárias tradicionais, como medicina e direito.

Num segundo ponto, começamos a receber uma série de pedidos de atendimento por parte de ex-alunos do colégio, além de alunos de outras instituições. Muitos deles continuavam a procura de respostas, mesmo depois de já estarem inseridos em algum curso universitário, em um cursinho, ou mesmo após passarem por atendimento de carreira com profissionais específicos (coaching e/ou psicólogo).

Dessa demanda, então, nasceram duas propostas a mais, as quais estão sendo experimentadas, ou em vias de serem experimentadas, no processo:

4.3.1 – SAVE pais: ciclo de quatro palestras direcionadas a pais e/ou responsáveis durante um ou dois semestres letivos. Essa proposta está em vias de ser executada no segundo semestre de 2018:

- Encontro 1: minha escolha x escolha dos meus filhos
- Encontro 2: mercado profissional – faculdade e não faculdade;
- Encontro 3: profissões “marginais” (música; artes plásticas; danças; design de jogos; youtuber...);
- Encontro 4: alunos fora da curva – pensamento divergente, alta habilidade, inteligências em áreas distintas...

4.3.2 – atendimento para comunidade e ex alunos: proposta iniciada em fevereiro de 2018. Até o fechamento deste trabalho (20 de maio de 2018), já haviam sido realizados 12 atendimentos externos (ex alunos e comunidade externa).

4.4– O ultrapasse das fronteiras da escola – primeiros resultados

Inicialmente, no ano de 2017, com o atendimento SAVE, foi observado um espantoso crescimento no número de alunos que chegaram a uma decisão sobre a escolha de carreira.

Especificamente no que diz respeito a carreiras universitárias, enquanto em 2016 o Colégio Passionista São Paulo da Cruz contou com cerca de 30 egressos para universidades, de um total de 94, em 2017 esse número subiu para 68, de um total de 93.

Além disso, foram recebidos cerca de 40 feedbacks espontâneos com agradecimentos, elogios e/ou indicações do atendimento para outras pessoas, durante o ano de 2017.

O sucesso do trabalho SAVE no Colégio Passionista São Paulo da Cruz nos levou a compreender que sua pertinência ultrapassava as inquietações dos nossos alunos e, de certo modo, nossa própria compreensão inicial a seu respeito.

Por essa razão, sob acordo com o Colégio, demos início ao registro da marca SAVE – Sistema de Atendimento Vocacional – no Instituto Nacional de Propriedade Intelectual – INPI, de modo a viabilizar a possibilidade de estender o trabalho, na forma de consultoria a outros colégios, de natureza privada ou pública.

Atualmente, o projeto está sendo negociado ainda com condomínios na cidade de São Paulo, na busca de estender suas descobertas a um número maior de pessoas, de um lado, e continuar o avanço da pesquisa a seu respeito, de outro.

5. Conclusão

Diante de tudo o que pudemos expor até aqui, a primeira conclusão a que chegamos, ainda que de modo preliminar, é que o SAVE é altamente eficaz, de um lado e relativamente simples de ser realizado, de outro.

Outra questão importante é a percepção de que essa eficiência está relacionada à superação do ambiente de sala de aula como locus estrito para a construção de sentido profissão e para a própria realidade de sala de aula.

Em último, e também preliminarmente, é preciso constatar a importância da necessidade de se trabalhar a individualidade dos alunos como fundante do compromisso educacional e enxergar na necessidade de sua viabilização, uma urgência.

Finalizamos esse trabalho esperançosos de que os resultados até aqui obtidos possam abrir caminhos para aprofundamento nas questões e inquietações propostas, contribuindo para o debate e para as diversas práticas a respeito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AQUINO, Yara. **Quase metade dos alunos que entraram na graduação em 2010 desistiu do curso.** Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2016-10/quase-metade-dos-alunos-que-entraram-na-graduacao-em-2010-desistiram-do>>. Acesso em 22/05/2018

BUCKINGHAM, Marcus; CLIFTON, Donald O. **Descubra seus pontos fortes.** Rio de Janeiro: Sextante, 2011.

CASTRO, Cláudio de Moura. **Você sabe estudar?** São Paulo: Penso, 2015.

DUHIGG, Charles. **O poder do hábito.** São Paulo: Objetiva, 2012.

FILHO, Juvenal A. Cordeiro. **Ensino Médio no Brasil: cenários e perspectivas.** [artigo de conclusão – pós graduação lato sensu apresentado à Universidade Nove de Julho - UNINOVE]. São Paulo: 2015

GOLEMAN, Daniel. **Foco.** São Paulo: Objetiva, 2014.

GONZALEZ, Mathias. **Como ser aprovado em provas, exames e concursos.** Disponível em: <<http://valdata.com.br/downloads/CURSOS/Como%20ser%20aprovado%20em%20provas,%20%20exames%20e%20concursos.pdf>>. Acesso em 22/01/2018.

GRÜN, Anselm; MÜLLER, Stefan. **Profissão e vocação – quando é preciso escolher ou ter coragem para mudar.** Petrópolis: Vozes – Nobilis. 2016.

MARSHALL, Sebastian. **Ikigai** (ebook).

MAY, Rollo. **O homem a procura de si mesmo.** 36ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

MEIRELLES, Alexandre. **Como estudar para concursos.** São Paulo: Método, 2012.

KUPFER, M. **Freud e a educação: o mestre do impossível.** São Paulo: Scipione, 1989.

SANTOS, Denise Moreira. **Como a psicopedagogia pode ajudar no tratamento das crianças autistas.** [Trabalho de Conclusão Orientado – pós graduação lato sensu apresentado à Universidade Candido Mendes]. Rio de Janeiro: 2009. Pp. 9-20.

SEVEREINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23ed. São Paulo: Cortez, 2007. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3480016/mod_label/intro/SEVERINO_Metodologia_do_Trabalho_Cientifico_2007.pdf>. Acesso em 22/01/2018.

TILLICH, Paul. **A coragem de ser**. 5ed. Disponível em: <<https://gmeaps.files.wordpress.com/2015/08/a-coragem-de-ser-paul-tillich.pdf>>. Acesso em 22/01/2018.

ANEXO I – QUESTIONÁRIO DE PESQUISA SOBRE PROFISSÕES NÃO UNIVERSITÁRIAS

INSTRUÇÕES: VOCÊ DEVE RESPONDER A TODAS AS QUESTÕES PROPOSTAS, MESMO QUE NÃO TENHA CERTEZA; VOCÊ NÃO É OBRIGADO A COLOCAR SEU NOME NO QUESTIONÁRIO; SE VOCÊ TIVER ALGUMA DÚVIDA, FALE COM O APLICADOR DO QUESTIONÁRIO.

QUESTÕES

01 – Você sabe o que faz cada um dos profissionais abaixo?

Profissão	Sim	Não
Marceneiro		
Confeiteiro		
Carpinteiro		
Relojoeiro		
Produtor de objetos		
Alfaiate		
Youtuber		
Degustador de café		
Agente de administração pública		

02 – Você saberia descrever o que é preciso para se tornar um profissional em cada uma das áreas abaixo?

Profssão	Sim	Não
Marceneiro		
Confeiteiro		
Carpinteiro		
Relojoeiro		
Produtor de objetos		
Alfaiate		
Youtuber		
Degustador de café		
Agente de administração pública		

03 – Descreva, brevemente, o que faz cada um dos profissionais abaixo:

Marceneiro:

Confeiteiro:

Carpinteiro:

Relojoeiro:

Produtor de objetos:

Alfaiate:

Youtuber:

Degustador de café:

Agente de administração pública:

04 – Descreva, o que é preciso fazer para se tornar um profissional em cada uma das áreas abaixo:

Marceneiro:

Confeiteiro:

Carpinteiro:

Relojoeiro:

Produtor de objetos:

Alfaiate:

Youtuber:

Degustador de café:

Agente de administração pública:

ANEXO II – QUADRO DE ATENDIMENTOS SAVE – 2017

ATENDIMENTOS	ALUNOS FREQUENTES	ALUNOS ESPORÁDICOS
341	56	17

- Consideram-se alunos frequentes aqueles que, independente do número de sessões, obtiveram êxito no processo, amadurecendo a tomada de decisão profissional.

- Consideram-se alunos esporádicos aqueles que, por baixa frequência, desinteresse ou falha no processo, não obtiveram êxito no seu desenvolvimento, não alcançando amadurecimento, através do SAVE, na tomada de decisão profissional.